



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**CAROLINE MOURA DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE VALORES HUMANOS NO  
ENSINO INFANTIL**

**SALVADOR/BA**

**2009**

**CAROLINE MOURA DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE VALORES HUMANOS NO  
ENSINO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação- Universidade Federal da Bahia, como requisito para a conclusão do curso de Pedagogia.

Orientador: Professor Miguel Bordas.

**SALVADOR/BA  
2009**

**CAROLINE MOURA DE SOUZA**

**A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO DE VALORES HUMANOS NO  
ENSINO INFANTIL.**

**Aprovado em:**

**Comissão Examinadora:**

---

**Professor Orientador: Miguel Bordas**

---

**Professor (a) examinador: Cleverson Suzart Silva**

---

**Professor (a) examinador: Silvanne Ribeiro Santos**

**SALVADOR  
2009.2**

## **Agradecimentos:**

Primeiramente agradeço à Deus que me deu força em todos os momentos, inclusive na realização da monografia. Agradeço à minha família e amigos pelos conselhos e preocupação; ao Danilo pelo amor e apoio. Muito obrigada também ao professor Miguel Bordas pela paciência, tranquilidade e confiança; e à Escola Municipal onde realizei a pesquisa. Sem vocês, o trabalho não seria o mesmo. Muito obrigada!

**Resumo:**

Devido ao grande índice de males como a injustiça e a violência na nossa sociedade, se faz necessário na atualidade uma educação que forma o cidadão pleno, crítico e autônomo em suas virtudes e valores. Porém a escola tem priorizado a formação de futuros profissionais, aplicando conteúdos de caráter técnico e metodologias tradicionais. Por isso o presente trabalho procura mostrar a importância da educação de valores humanos na escola, desde o ensino infantil, definindo o que são valores, ética e moral, e como acontece segundo Piaget essa formação da moral na criança. Mostra também a relação da escola com os valores e uma pesquisa de campo realizada em uma escola municipal de Salvador, que trabalha com um projeto feito pela própria gestão pedagógica, o Projeto Valores. O trabalho tem como fonte primária de pesquisa a entrevista com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal X, e como fontes secundárias, pesquisas bibliográficas e webgráficas, além do “Projeto Valores” inserido nesta escola. O instrumento de coleta empregado foi um questionário aplicado para quatro educadoras da Escola Municipal X.

**Palavras-chave:** educação moral, ensino infantil, valores, ética, escola.

**Abstract:**

Had to the great index of males as the injustice and the violence in our society, if it makes necessary in the present time an education that forms the full, critical and independent citizen in its virtues and values. However the school has prioritized the formation of professional futures, applying character contents traditional technician and methodologies. Therefore the present work looks for to show the importance of the education of human values in the school, since infantile education, defining what they are values, ethics and moral, and as this formation of the moral in the child happens according to Piaget. It also shows to the relation of the school with the values and a research of field carried through in a municipal school of Salvador, that works with a project made for the proper pedagogical management, the Project Values. The work has as primary source of research the interview with the pedagogical coordinator of Municipal School X, and as secondary sources, bibliographical and webgráficas research, beyond the "inserted Project Values" in this school. The employed instrument of collection was a questionnaire applied for four educators of Municipal School X.

**keywords:** moral education, infantile education, values, ethics, school.

## **Sumário**

<b>Cap. 1</b>	<b>Introdução</b>	<b>08</b>
<b>Cap. 2</b>	<b>O que são valores morais e éticos?</b>	<b>11</b>
<b>Cap. 3</b>	<b>A formação da criança moral</b>	<b>16</b>
<b>Cap. 4</b>	<b>A escola e os valores</b>	<b>23</b>
Cap.4.1	Uma escola preocupada com Valores	33
<b>Cap. 5</b>	<b>Considerações finais</b>	<b>44</b>
	<b>Referências</b>	<b>46</b>
	<b>Anexo</b>	<b>48</b>

## Introdução

Atualmente se observa que nas instituições educacionais ocorre uma supervalorização da formação de futuros profissionais. Os conteúdos, muitas vezes, são ensinados com uma essência unicamente técnica e distante do interesse dos alunos, deixando de lado a educação do ser integral, que também possui sentimentos e precisa desenvolver valores morais para atuar como bons cidadãos dentro da nossa sociedade.

No Brasil, o grande índice de violência urbana e de corrupção, mostra a necessidade de uma educação mais plena e humanista, que procure entender o aluno como um ser de caráter individual, que possui uma realidade social. Dessa forma o educador poderá se aproximar do educando e intervir de maneira que possa lhe atribuir valores que irão contribuir na sua formação.

Em um espaço social cheio de conflitos e maus exemplos que reflete a realidade do aluno, é importante que pedagogos preocupem-se, também, na necessidade de desenvolver os valores sociais e humanos no seu educando, e para que isso ocorra se faz necessária a criação de estruturas específicas. Essa preocupação na formação de profissionais bem sucedidos, podem até formar pessoas críticas, mas não definem suas condutas para o bem ou para o mal. O homem pode utilizar sua capacidade intelectual para criar ou destruir. Por isso a importância de se desenvolver valores humanos dentro da escola.

Mas o que são valores humanos? Valores humanos podem ser definidos como fundamentos, ou princípios que devem determinar as ações do homem na convivência social e que existem para esse fim.

É importante que a educação moral ocorra desde a tenra infância, momento em que a criança está desenvolvendo seus valores. A criança pequena é um ser heterônomo, ou seja, não sabe definir tão facilmente o que é certo ou o que é errado, e suas condutas são baseadas no que aprende de seus educadores. O papel da escola é transformá-la em um ser autônomo, que sabe e entende o porquê das regras e age de acordo com o seu próprio conceito do que é correto ou não. Para que isso ocorra se faz necessário que haja pedagogos preparados para

educar da melhor maneira os valores na sala de aula. Vale ressaltar, porém, que se a família, ou outras instituições não trabalham em conjunto com a escola esta, muitas vezes, não consegue obter o sucesso almejado, já que a instituição educacional possui um poder limitado nesta questão, o que não diminui suas responsabilidades para com a formação da criança.

A escola, sendo um ambiente com caráter moralizador, deve buscar o equilíbrio e o monitoramento necessários na formação da criança, pois a própria instituição pode prejudicá-la nesse sentido. A repressão demasiada, pode até tornar as crianças mais obedientes, mas pode também torná-las passivas, e até fazê-las regredir para a fase da heteronomia, já que apenas obedecerão por medo, e não por vontade própria ou por compreensão das regras.

De acordo com o PCN do ensino fundamental a ética deve ser trabalhada na escola como um tema transversal, ou seja, deve ser incorporada às disciplinas já existentes, como português, geografia, história, etc.

Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para o debate sobre elas (BRASIL, 1998).

Podemos observar que o PCN, que coloca o ensino da Ética como um tema transversal, percebe a sua importância para a sociedade contemporânea, sendo o desafio da escola trabalhar com esse tema. Portanto a instituição escolar deve criar maneiras de ensinar os valores morais e éticos respeitando a individualidade da criança em sua fase de amadurecimento moral, e a sua realidade social. Para isso é preciso que existam pedagogos capacitados a formar cidadãos autônomos.

O presente trabalho tem como objetivo geral discorrer sobre a importância de uma educação escolar pautada nos princípios dos valores humanos desde o ensino infantil, tendo como objetivos específicos:

- Entender os conceitos e diferenciações de ética, valores e moral.
- Aprender como acontece o desenvolvimento da moral na criança.
- Entender a responsabilidade da escola em relação à educação de valores no ensino infantil.

- Conhecer algumas possibilidades de se ensinar valores no ensino infantil.
- Apreciar na prática uma vivência de como os valores são ensinados na escola.

Este trabalho terá como fonte primária de pesquisa a entrevista com a coordenadora pedagógica da Escola Municipal X, e como fontes secundárias, pesquisas bibliográficas e webgráficas, além do “Projeto Valores” inserido nesta escola.

O instrumento de coleta empregado será uma aplicação de um questionário com quatro educadoras da Escola Municipal X.

O trabalho será composto de três capítulos e um sub-capítulo, onde o primeiro capítulo, “O que são valores morais e éticos?”, procurará definir valor, ética e moral, as suas diferenças e como cada um deles funciona. O segundo capítulo “A formação da criança moral”, esclarece como ocorre o processo de formação moral na criança segundo Piaget (1896-1980). O terceiro capítulo “A escola e os valores”, tentará explicar a relação da escola com o ensino de valores, quais as possibilidades de se educar a moral da melhor maneira e alguns possíveis problemas que poderão ser enfrentados. E terá como sub-capítulo “Uma escola preocupada com Valores”, que é o resultado de uma pesquisa de campo, feita numa escola municipal de Salvador, onde foi implantado o Projeto Valores na Escola (projeto criado pela gestão escolar), que será explanado. Nesta escola também foi feito um questionário de sete perguntas para quatro professoras, tendo como tema os valores e a sala de aula, onde discutiremos as suas respostas.

## 1- O que são valores morais e éticos?

Antes de definir moral e ética, é importante ressaltar o conceito de valor. “Etimologicamente, valor provém do latim *valere*, ou seja, que tem valor, custo. As palavras desvalorização, inválido, valente ou válido têm a mesma origem. O conceito de valor frequentemente está vinculado a noção de preferência ou de seleção” (COHEN; E SEGRE,2009). Segundo esses autores uma coisa não tem valor apenas por que foi escolhida, já que esta pode ter sido escolhida por algum motivo específico.

Segundo o PCN toda sociedade possui valores tidos como necessários e contrários a qualquer perspectiva de relativismo ou escolha:

Por exemplo, na sociedade brasileira não é permitido agir de forma preconceituosa, presumindo a inferioridade de alguns (em razão de etnia, raça, sexo ou cor), sustentar e promover a desigualdade, humilhar, etc. Trata-se de um consenso mínimo, de um conjunto central de valores, indispensável à sociedade democrática: sem esse conjunto central, cai-se na anomia, entendida seja como ausência de regras, seja como total relativização delas (cada um tem as suas, e faz o que bem entender); ou seja, sem ele, destrói-se a democracia, ou, no caso do Brasil, impede-se a construção e o fortalecimento do país (BRASIL, 1998).

Os valores necessários na sociedade são os chamados valores morais. São princípios para a convivência dos homens em sociedade, como a justiça, o amor, a igualdade, o respeito, etc. Para que eles sejam executados, se faz necessário que haja uma autoridade que imponha essa ação. Essa autoridade pode ser um Deus, um Juiz, ou o próprio superego “sendo que em caso de desobediência, esta autoridade terá o direito de castigar o infrator”. (COHEN; E SEGRE,2009).

A moral e a ética, para La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) “podem ser consideradas sinônimos e dizem respeito à preocupação do ser humano com os costumes sociais, como agir em sociedade e como conviver com outras pessoas”. Mas segundo ele também por serem duas palavras distintas também podem ter significados distintos. A confusão do conceito de ética e de moral no senso comum é uma constante.

Para Barton e Barton (4) o estudo da filosofia moral consiste em questionar-se o que é correto ou incorreto, o que é uma virtude ou uma maldade nas condutas humanas. A moralidade é um sistema de valores do qual resultam normas que são consideradas corretas por uma determinada

sociedade, como, por exemplo, os Dez Mandamentos, os Códigos Civil e Penal etc (COHEN; E SEGRE, 2009).

Na citação acima os conceitos entre ética e moral se confundem, pois está falando sobre filosofia moral, que por sua vez é a própria ética. Ética é a reflexão do sentido da moral.

Para Barton e Barton (4) a ética está representada por um conjunto de normas que regulamentam o comportamento de um grupo particular de pessoas, como, por exemplo, advogados, médicos, psicólogos, psicanalistas etc. Pois é comum que esses grupos tenham o seu próprio código de ética, normatizando suas ações específicas (COHEN; E SEGRE, 2009).

Como mostra essa definição, a ética possui o sentido de normas para um determinado grupo social. Grupos profissionais, como médicos, advogados, por exemplo, possuem o seu próprio código de ética:

...os Códigos de Ética das diferentes categorias de profissionais de saúde- médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, fisioterapeutas, odontólogos etc – fincam-se, todos eles, nas mesmas bases conceituais. Condições como a de respeito à privacidade, à livre escolha do profissional por parte do paciente, do consentimento informado, permeiam todos esses estatutos legais. Eles devem ajustar-se, continuamente, às situações novas que a evolução científica e tecnológica nos apresenta, como ocorre com a engenharia genética, a reprodução assistida, os transplantes de órgãos e a manutenção artificial de certas funções vitais (COHEN; E SEGRE, 2009).

Esses códigos éticos são importantes para que as pessoas entendam as conseqüências que suas ações podem ter para os outros e para elas mesmas. E que elas possuem uma responsabilidade social, sendo que suas decisões não devem ser encaradas apenas como uma opinião pessoal.

A ética é coerente, ou seja, existe uma razão para ser ético. Ela é a reflexão da moral, procurando justificá-la, e algumas vezes modificá-la, como já modificou ao longo da história. Na Idade Média, por exemplo, “a tortura era considerada prática legítima, seja para a extorsão de confissões, seja como castigo. Hoje, tal prática indigna a maioria das pessoas e é considerada imoral” (BRASIL, 1998). Enquanto a moral possui um caráter mais prático, a ética é mais reflexiva, mais racional. Segundo os PCN's do ensino fundamental:

Ética trata de princípios e não de mandamentos. Supõe que o homem deva ser justo. Porém, como ser justo? Ou como agir de forma a garantir o bem de todos? Não há resposta predefinida. É preciso, portanto, ter claro que não existem normas acabadas, regras definitivamente consagradas. A ética é um eterno pensar, refletir, construir. E a escola deve educar seus alunos

para que possam tomar parte nessa construção, serem livres e autônomos para pensarem e julgarem (BRASIL, 1998).

Podemos perceber diante dessa citação que a ética é reflexão, portanto modifica-se com a evolução do pensamento humano, sendo algo de caráter temporal, que provavelmente se modificará no futuro. Por isso a importância de se construir futuros autônomos que a modificação da melhor forma.

Na Grécia antiga já havia uma preocupação com a ética, com “que vida levar?”. “Segundo Aristóteles uma vida feliz só pode ser uma vida virtuosa” (PORTAL EDUCADORES, 2008).

Já a moral, que vem do latim “mores”, significa costumes. Para La Taille (pg. 16, 2002) “Moral é, portanto, definida como um conjunto de regras restritivas da liberdade individual de caráter obrigatório, cuja finalidade é garantir a harmonia do convívio social. Assim a pergunta básica da moral é: o que devo fazer?” La Taille (pg.30, 2002) ainda diferencia a ética da moral afirmando que a moral ordena e a ética aconselha, e sua pergunta básica é: como devo viver?

Essa primeira definição mostra que a moral são regras do bem conviver do homem na sua sociedade, enquanto as éticas são conselhos de uma boa vivência. Essas regras morais para Freitas é um dever que sempre possui uma finalidade:

Agir moralmente é agir por dever. No entanto, não basta agir conforme o dever para que nosso ato tenha um valor moral. Pode-se agir conforme um dever para obter um benefício, por medo da punição ou por vergonha ou, ainda, por prazer. De um ato realizado de acordo com o dever, apenas podemos dizer que ele é lícito. (FREITAS, 2003, p. 62)

A ação moral tem como finalidade os próprios valores anteriormente citados, como a justiça, a igualdade, o respeito etc. e está estritamente ligada a relação do homem com a sociedade. O homem age moralmente por um interesse coletivo. Quando as pessoas cumprem o seu dever de pai, de mãe, ou de filho, por exemplo, mesmo que esteja de acordo com a vontade delas, elas estão desempenhando algo que fora determinado pela sociedade através da educação.

Para que um ser seja moral, ou seja, aja moralmente, é preciso que ele possua a noção do que é correto e errado, tentando agir dentro do padrão que é certo. O ser amoral não sabe fazer essa distinção, como é o caso dos bebês, das

pessoas que possuem deficiências intelectuais e dos animais. O ser imoral possui essa noção, mas escolhe por fazer o incorreto, mesmo sabendo das conseqüências que sua ação pode acarretar.

Segundo DEVRIES e ZAN (1998, p.176) existem questões morais e questões sociais. As questões morais são aquelas que têm como finalidade valores humanos, como a justiça, o respeito. As questões ou convenções sociais são aquelas embutidas pela sociedade, podendo ou não ter um cunho moral. Dizer por favor, obrigada e com licença, por exemplo, é uma convenção social, mas para algumas pessoas pode ser considerada também uma questão moral, já que tem o valor respeito como objetivo. “Embora todas as questões morais sejam sociais por natureza, uma questão pode ser social sem ser moral”(DEVRIES; E ZAN, 1998, pg.176).

Todo grupo social possui definições morais. O que é certo ou errado pode variar para diferentes grupos ou pessoas, mas esse conceito vai estar sempre baseado em valores. Por exemplo: para as feministas o aborto deve ser legalizado, já que elas dizem que a mulher deve ter o direito à liberdade de fazer o que quiser com seu corpo, mas para outras pessoas, como para os religiosos, o aborto tira o direito à vida da própria criança que poderia nascer. Nos dois casos o valor da justiça do direito prevalece, mas de formas distintas. Esse é um exemplo de dilema moral, ou seja, uma situação em que há duas questões morais em jogo, no caso tirar ou não a criança, prevalece a questão do direito e da justiça. É justo uma pessoa que pode ter sofrido um estupro, por exemplo, gerar um filho que não deseja, e que não foi gerado por sua culpa? Ou é justo tirar a vida de uma criança que não tem nenhuma forma de defesa e nem tem culpa por ter sido gerada?

Outro dilema que é bastante conhecido é: “Heinz deve, ou não, roubar o remédio para tentar salvar a esposa da morte?”(LA TAILLE, 2002, p. 21.) Nesse dilema entra em questão a vida da esposa e o roubo. As soluções dos dilemas podem variar de acordo com a opinião da cada pessoa.

Quando a situação possui apenas uma questão moral não pode ser considerada um dilema. Se alguém, por exemplo, vê o dinheiro cair do bolso de outra pessoa e fica em dúvida se devolve ou não, esse não é um dilema moral, pois há apenas uma moral em questão, que seria devolver o dinheiro.

Os dilemas são questões que possuem um relativismo, não há a escolha absolutamente certa ou errada, mas para uma pessoa fazer a sua escolha segundo uma lógica moral, ela deve ter autonomia moral, que é a última fase da formação moral humana, segundo os estudos de Piaget.

A seguir, vamos conhecer mais sobre o processo de formação moral do ser humano, para mais adiante mostrar a relação da escola com essa formação.

## 2-A formação da criança moral

A formação moral do ser humano, diferente do que se pensava antigamente, não acontece apenas da fase infantil para a juvenil. Segundo La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) “Hoje verifica-se que o desenvolvimento moral pode se dar durante a vida inteira”. Mas centraremos a formação moral na criança, já que esse é o foco de nossa pesquisa.

Antes de falar na formação moral de uma criança, é importante definir o que seria uma criança moral. (...) quando falamos sobre crianças morais, não queremos dizer crianças que seguem regras morais simplesmente por obediência à autoridade (...) (DEVRIES; E ZAN, 1998, pp.38). Também não queremos dizer crianças que possuem todas as virtudes, pois isso seria impossível. Segundo Flanagan (apud La Taille, 2002 p.31) nem mesmo algumas pessoas que consideramos heróis as possuíam.

No prólogo de seu livro *Psychologie Morale et Ethique*, Flanagan procura mostrar com alguns exemplos que, na realidade, mesmo pessoas admiráveis moralmente falando apresentam vícios. Por exemplo, Martin Luther King, verdadeiro herói da luta contra a discriminação racial, era, segundo o autor, um adúltero inveterado (La Taille, p.31, 2002).

Uma criança moral deve ser autônoma, ou seja, não deve agir corretamente apenas pelo medo da punição que possa levar do adulto, nem deve ajudar outra pessoa só para obter a aprovação do professor, mas sim, deve agir por sua própria vontade. E também “não queremos dizer crianças que têm hábitos de boa educação, tais como dizer por favor, obrigado e desculpe-me.” (DEVRIES; E ZAN, 1998, p.39). Isso se torna uma coisa automática, apesar de ajudar as crianças a conviverem em sociedade. A educação moral deve partir do princípio de “modelar” a verdadeira gentileza, e não a automatizando através do “falar da boca para fora”. Daí a importância da intervenção do educador.

Para que o professor ajude no desenvolvimento moral da criança, ele deve trabalhar a diversidade para alcançar valores como o respeito e tolerância, trabalhar o diálogo como meio de solução de conflitos, o bem comum para a justiça, a capacidade de se colocar no lugar do outro (o que é muito difícil para as crianças pequenas, que ainda estão na fase do egocentrismo), atitudes de cooperação de

comunidades, conhecendo e respeitando a fase de desenvolvimento do seu aluno. Segundo Piaget, o desenvolvimento moral ocorre em quatro estágios:

- 1- Estágio pré-moral (até 4-5 anos) - a tendência da criança, nessa fase, é a de projetar no mundo exterior os seus desejos e impulsos. As ordens e proibições são simplesmente obedecidas. A criança é incapaz de julgar suas ações e as alheias, desconhecendo, em grande parte, suas intenções e conseqüências.
- 2- Estágio de moralidade heterônoma- (...) tendência a considerar os deveres e os valores como existentes em si mesmos, externos à sua vontade e independentes do contexto. As normas são entendidas ao “pé da letra”.
- 3- Estágio de moralidade semi-autônoma - nessa fase, a criança deixa de obedecer rigidamente às ordens, proibições e regras impostas pelos adultos e passa a observá-las segundo situações específicas.
- 4- Estágio de moralidade autônoma - a verdade, em contraposição à mentira, nessa fase se torna um requisito para o respeito e simpatias mútuas. A necessidade moral decorre da relação com o outro (COUTINHO; MOREIRA, 2004, p.122).

No estágio pré-moral ou de anomia, a criança nos seus primeiros meses de vida não conhece as regras do convívio social. Segundo Piaget, para as crianças nessa fase os valores “surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos. Mais tarde com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, os valores são cognitivamente organizados a partir dos julgamentos de valor sobre os objetos, pessoas e relações” (ARAÚJO,1999, p. 56).

O passar do tempo e a interação com o mundo, fazem com que as crianças comecem a perceber as coisas, e que existem regras, avançando do estágio de anomia para o de heteronomia. La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) afirma que existem três perguntas básicas que surgem nessa fase do despertar do senso moral: “Aonde vamos? De onde viemos? O que é certo e errado?”. Na heteronomia elas não entendem o porquê das regras; as obedecem simplesmente por imposição, “os deveres são sentidos como obrigatórios, porque emanam de indivíduos respeitados, sejam esses deveres regras relativas a hábitos (alimentares, de higiene etc.), regras do jogo ou preceitos morais.” (FREITAS, 2003, p. 91). Segundo os PCN’s do ensino fundamental (BRASIL,1998) existem quatro características que mostram a visão da criança na fase da heteronomia moral: A primeira é julgar um ato não pela intencionalidade que o presidiu, mas pelas suas conseqüências. Ou seja a criança julgará mais culpado alguém que tenha cometido uma ação que tenha acarretado mais danos, mesmo se este não tivesse a intenção,

do que aquela que cometeu uma ação propositalmente mas que acarretou danos menores. A segunda característica é a de a criança interpretar as regras ao pé da letra, e não no seu espírito. Se a regra, por exemplo, afirma que não se pode mentir, qualquer mentira sem exceção será condenada. A terceira :

(...) refere-se às condutas morais: embora a criança, quando ouvida a respeito, defenda o valor absoluto das regras morais, freqüentemente (...) age de forma estranha a elas, mas pensando que as está seguindo. A quarta e última característica é o fato de a criança não conceber a si própria como pessoa legítima para criar e propor novas regras (caberia a ela apenas conhecer e obedecer aquelas que já existem) (BRASIL, 1998).

Na autonomia moral as crianças entendem a razão das regras, percebem que elas podem ser modificadas e já possui um juízo de valor. Segundo os PCN's (1998), no entanto, um sujeito que alcançou a possibilidade de exercer a autonomia moral, não necessariamente tornou-se autônomo em todas as situações da vida. Nesta etapa — a partir de oito anos em média — a criança começa cada vez mais a julgar os atos levando em conta a intencionalidade que os motivou, começa a compreender a essência das regras e legitimá-las não mais porque provêm de seres prestigiados e poderosos, mas porque se convence racionalmente de sua validade.

Não basta saber as regras para segui-las. Mas então o que levam as crianças a obedecerem às regras? La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) explica que existem dois fatores que levam a criança a respeitar o dever: fatores racionais e afetivos.

Na dimensão racional, ou do juízo moral, La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) detalha que devido a moral tratar de regras que devem ter a possibilidade de escolha de fazer ou não fazer, de escolher o certo ou o errado, nesta dimensão só estão incluídas pessoas que possuem a capacidade intelectual para tal, não incluindo crianças muito pequenas, animais e deficientes mentais.

A dimensão do juízo moral pode ser dividida em três níveis: das regras, dos princípios morais e dos valores. A criança inicialmente passa pela fase de apreender as regras da moral, para depois conhecer princípios morais, que não podem ser confundidos com regras pois não são deveres, e sim orientações ou “espíritos das regras”, como a frase que diz “Amai uns aos outros como a si

mesmo”. Logo após os princípios, as crianças apreendem os valores que lhes foram passados.

Na dimensão afetiva, La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) explica que existem os sentimentos como a raiva, o amor, a culpa e a vergonha que também norteiam a ação da criança em relação à moral. Mas para ele existem aqueles que podem ser considerados centrais que são o respeito, a simpatia, a empatia, o auto-interesse e a confiança.

Para as crianças na fase da heteronomia, tudo que é solicitado pelo adulto é justo. Segundo FREITAS (2003, p.73) “Piaget, assim como Pierre Bovet, acreditava que o respeito da criança pela pessoa que ordena é que faz com que ela obedeça a sua ordem”. O respeito nessa fase é a mistura de medo e de amor. É o chamado respeito unilateral, e acontece por uma relação de coação, ou seja, aquela em que há uma autoridade, alguém superior, geralmente os pais, e é unilateral por que estes não recebem ordens das crianças, apenas o contrário. E por isso, essas são as primeiras pessoas responsáveis pelo desenvolvimento moral da criança. Com o tempo, quando as crianças crescem, o respeito começa a mudar de natureza. E a relação de coação muda para a de cooperação, ou seja, nela não se possui uma autoridade. Elas começam a ver àqueles que antes lhe eram superiores, como iguais. É através desta relação de cooperação que a criança começa a desenvolver a autonomia moral, uma vez que começa a construir suas próprias regras, ao invés de ser comandado por regras impostas de fora.

Para La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) a simpatia é um fator que tem grande influência na moralidade autônoma, pois a criança tem medo de perder o direito moral de ser amado por aquelas pessoas a quem tem afeto e respeito, por isso segue as regras morais, a fim de ser digno de desse amor. O sentimento de merecimento do desprezo, mesmo que não haja esse desprezo, e sentir vergonha, é o que chamamos de ferida moral. “O medo da punição e da perda do amor, que inspirava as condutas na fase heterônoma, é substituído pelo medo de perder a estima dos outros, perder o respeito dos outros, e perder o respeito próprio, moralmente falando” (BRASIL, 1998).

A empatia, que é a comoção com os estados afetivos alheios também tem influência na ação moral da criança, pois quando ela possui esse sentimento, tende a se colocar no lugar do outro e agir da forma que acha mais certo.

O auto-interesse diz respeito à observação da criança sobre se as coisas, ou a ação do outro está de acordo com o que ela merece. Por exemplo, se ela receber um presente menor do que o do seu irmão vai se sentir injustiçada, pois acha que merece um que seja do mesmo tamanho. Segundo La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) essa questão é importante na moralidade por que remete ao valor moral da justiça na criança.

A confiança de que as regras são efetuadas pelos seus responsáveis, os adultos, também é um sentimento que a criança deve presenciar. Quando ela percebe que estes não cumprem as regras, segundo La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008), a tendência é que a criança também não cumpra.

Apesar de destacar os sentimentos anteriormente citados, La Taille (2002, p. 44) também coloca que a vergonha pode ser considerada como um fator determinante da moralidade, mas não o único. Outros sentimentos como a compaixão, a culpa, e o amor, por exemplo, serão considerados como atuantes no pensar e agir morais. A vergonha pode ser causada pelo encontro dos sentimentos de inferioridade e de exposição. Esse sentimento pode aparecer na criança em média a partir dos dois anos de idade. Nessa idade, a vergonha sentida pela criança é a de exposição e aos poucos, vai se adquirindo também a vergonha pelo juízo negativo, ou seja, de ter feito algo que julga errado.

Para La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) a capacidade de sentir vergonha é necessária na ação moral. Quem sente vergonha julga-se negativamente e valoriza um ideal. Segundo ele é possível sentir vergonha sozinho, sendo inútil e até cruel fazer a criança passar vergonha, pois isso é humilhá-la. A criança deve passar vergonha sozinha dos valores nelas introjetados com toda calma. Ele afirma ainda que esse sentimento pode possuir um conteúdo moral ou não moral. Por exemplo: Se uma pessoa sente vergonha de ter roubado algo, esse sentimento possui um sentido moral, pois infligiu o dever moral que não se deve roubar os outros, e valores morais como o respeito e a justiça. Mas se para uma pessoa, o status social é um valor, ela pode sentir vergonha por ser pobre, por exemplo, sendo que status social é um valor não moral.

Augusto Blasi (apud ARAÚJO 1999, p. 59) “acredita que os valores estão integrados em sistemas motivacionais e emocionais que, por sua vez, fornecem a base para a construção da identidade e do autoconceito do sujeito Para ele, os

valores morais devem fazer parte da identidade da criança, sendo que se esta agir de contra a estes valores, poderá sentir sentimentos como culpa, tristeza ou vergonha. Ou seja, os valores morais devem ser centrais na representação que o sujeito tem de si, e não periféricos, para que ele aja segundo esses valores. Ao contrário, se eles forem periféricos, ao infligir um valor moral, a pessoa não sentirá remorso, ou culpa.

Alguns valores que não sejam morais podem ser centrais na vida de um sujeito. Se, por exemplo, “a aparência física for um valor central para o sujeito, o que pode acontecer é ele experienciar sentimentos negativos sobre si ao engordar muito em pouco tempo” (ARAÚJO, 1999, p. 61). Mas um mesmo valor moral pode ser central ou periférico para o sujeito de acordo com a situação. O sujeito, por exemplo, pode ser honesto para os amigos, e se sentir-se culpado se não o fosse, mas desonesto para com a esposa, não sentindo remorso nenhum com essa atitude.

A autonomia é a última fase do desenvolvimento moral. Segundo FREITAS (p.73, 2003) Piaget, assim como Pierre Bovet, acreditava que os jogos são muito importantes para a criança adquirir a autonomia moral, já que as próprias crianças são quem constroem as regras do jogo sem as intervenções do adulto, e surgem nelas o sentimento de respeito pela interação que ela estabelece com o meio social em que vive.

É no jogo, quando as crianças pequenas procuram imitar as mais velhas, as quais jogam de acordo com um código, que surge, pela primeira vez, o sentimento de obrigatoriedade: elas sentem que devem fazer como as mais velhas. Para os pequenos jogadores, as regras são obrigatórias, sagradas e imutáveis - qualquer modificação implica transgressão -, por que o universo infantil é dominado pela idéia de que as coisas são tais como elas devem ser, que os atos de cada um são conforme às leis, ao mesmo tempo, morais e físicas (FREITAS, 2003, p. 80).

Ao passar do tempo as crianças percebem que as próprias regras dos jogos podem ser mudadas, ou ajustadas. Segundo Piaget (1994, p. 25) os mesmos jogos podem diferir em certos aspectos de uma cidade para outra, de um bairro para outro ou até mesmo de uma escola para outra. “Além disso, (...) há variações de uma geração para outra” (1994, p. 25).

Com os jogos, com a relação de cooperação e com a interação social, a criança constrói a noção de justiça. É a partir do senso de justiça que elas começam

a analisar os fatos e regras como justos ou não. Mas é importante salientar a diferença de ser justo e ser generoso. Segundo La Taille (2002, p. 26):

Crianças pequenas já fazem essa distinção. Em uma pesquisa recentemente realizada por nós sobre a virtude generosidade (ainda não publicada) verificamos que a maioria das crianças de 6 anos já afirma que alguém que se priva de uma fruta predileta para dá-la ao irmão (generosidade) é moralmente mais admirável do que outra que segue uma regra justa (dividir um pacote de bolacha com seu irmão). E, caso o ato generoso não tivesse acontecido, não seria o caso de haver sanção. Em compensação o ato de injustiça deve ser punido.

Ou seja, a ação generosa é algo voluntário, se não for feita não haverá punição, ao contrário da ação justa, que é um dever, e se não houver justiça, há a punição.

Segundo Lawrence Kohlberg (apud ARAÚJO, p. 41, 1999), um autor que também trouxe uma boa contribuição no campo da psicologia moral, "(...) é o princípio de justiça, que vai se tornando cada vez mais integrado e universalizado à medida que o sujeito avança na construção dos estágios". A grande questão de alguns críticos à teoria de Kohlberg, é que somente a noção de justiça não garantiria uma ação que fosse compatível.

Já Carol Gilligan (apud ARAÚJO, p. 45, 1999), traz idéias que tentam romper o princípio de que o desenvolvimento da moralidade humana baseia-se somente no princípio de justiça, pois nas suas pesquisas descobriu que os homens priorizam a justiça, enquanto as mulheres levam em consideração os aspectos pessoais das pessoas envolvidas nos conflitos morais. Ela defende que existe uma ética do cuidado, pois "a questão da diferença sexual não deve implicar que um dos sexos seja moralmente superior ao outro, ou que o comportamento moral seja determinado biologicamente". O problema de sua teoria é que ela considera que a ação moral sempre está vinculada a outra pessoa, deixando de lado o cuidado da pessoa para consigo mesmo.

Todas essas questões tornam complexo o estudo da moralidade. E não menos complexo é o papel da escola na formação da moralidade da criança, já que um dos objetivos dos educadores é ajudar a criança a entrar na autonomia moral, que é onde o sujeito consegue entender e elaborar as suas próprias normas. Veremos em frente, a relação da escola com o desenvolvimento moral da criança, e algumas formas de como a escola pode contribuir para esse fim.

### 3- A escola e os valores

A formação do ser moral acontece nos diversos setores sociais como: a escola, a instituição religiosa, e a família. Nenhum desses setores, porém, deve ser considerado como exclusivo na educação de valores, visto que cada um possui poder limitado nesta questão, o que não significa que não tenham responsabilidades para com a formação do indivíduo na sociedade. É importante que a escola, ao trabalhar os valores, tente aliar-se à família e à comunidade para tentar chegar ao objetivo de formar um ser autônomo.

Em procura de uma educação integral para os seus filhos muitos pais procuram de preferência uma instituição religiosa, para educar com valores humanos e éticos. Nesta situação há uma aliança da religiosidade para a formação moral da criança; mas e quando a escola é laica? Uma escola laica pode ser moral? “Embora a religião esteja envolvida com a moralidade, esta última transcende religiões individuais. É possível ser moral sem ser religioso, exatamente como é possível (embora alguns possam argumentar o contrário) ser religioso sem ser moral” (DEVRIES; E ZAN, 1998, p.39). Ou seja, a educação moral deve ser trabalhada independente de a instituição ser religiosa, pois a LDBEN (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) coloca em seu Artigo 32, nos capítulos II e III do ensino fundamental, os seguintes objetivos:

(...) II - a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores. (Brasil, 1996)

Está claro que há um destaque dos valores e da Ética para o ensino fundamental. Portanto, a educação moral não se trata de uma possibilidade, e sim de uma lei que como qualquer outra deve ser cumprida. Independente de ser uma instituição religiosa ou não, toda criança tem o direito a uma educação ética autônoma.

A educação integral é papel da escola. Para Dalai Lama (2000) o indivíduo deve encontrar sua integralidade, buscando-a através de valores humanos. Para ele o que importa na pessoa não é a sua religião, mas sim a sua personalidade, como

ela age diante do mundo. Ele afirma que a felicidade não se encontra através de uma busca material ou externa, e sim interna.

Segundo Delors (1998) essa educação integral que a escola deve oferecer, deve ter seu trabalho baseado em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer (para colocar o conhecimento em prática), aprender a viver juntos (para a compreensão e respeito das diferenças), e aprender a ser (desenvolvendo suas potencialidades e adquirindo autonomia). Cada um desses pilares possuem relação um com o outro, sendo interdependentes.

Beatriz Vichessi coloca que é importante que as questões ligadas à moral e à vida em grupo sejam tratadas como conteúdos de ensino; “caso contrário, corre-se o risco de permitir que as crianças se tornem adultos autocentrados e indisciplinados em qualquer situação, incapazes de dialogar e cooperar” (VICHESSI, 2009, p. 80). Para ela, a falta da moral na sala de aula tem como reflexo a indisciplina, pois afirma que esta é a transgressão de dois tipos de regras: as morais (ex: não bater, não xingar) e as convencionais (ex: usar a farda, não conversar). (VICHESSI , 2009, p. 79).

As regras convencionais servem para o bom andamento em sala de aula, e podem ser reavaliadas, diferente das regras morais, onde não há discussão. Para seguir as regras convencionais, os alunos devem compreender o seu sentido; elas devem ser negociadas. Para seguir as regras morais, os alunos devem conhecê-las, pois o aluno, não sabe espontaneamente o que é certo ou errado fazer, como muitas vezes se pensa.

Assim como a moral deve ser ensinada para o aluno, também ele deve aprender a ter uma identidade, conviver em sociedade, adquirir outros conhecimentos e pô-los em prática, como se apresenta nos quatros pilares citados.

Nos PCN's do ensino fundamental, a escola deve possibilitar que os alunos sejam capazes de:

- Compreender o conceito de justiça baseado na equidade, e sensibilizar-se pela necessidade da construção de uma sociedade justa;
- adotar atitudes de respeito pelas diferenças entre as pessoas, respeito esse necessário ao convívio numa sociedade democrática e pluralista;
- adotar, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças e discriminações;

- compreender a vida escolar como participação no espaço público, utilizando e aplicando os conhecimentos adquiridos na construção de uma sociedade democrática e solidária;
- valorizar e empregar o diálogo como forma de esclarecer conflitos e tomar decisões coletivas;
- construir uma imagem positiva de si, o respeito próprio traduzido pela confiança em sua capacidade de escolher e realizar seu projeto de vida e pela legitimação das normas morais que garantam, a todos, essa realização;
- assumir posições segundo seu próprio juízo de valor, considerando diferentes pontos de vista e aspectos de cada situação (BRASIL, 1998).

Como pode se perceber os PCN's enfatizam a importância do desenvolvimento da justiça, do respeito, do diálogo, do autoconceito e da autonomia na criança. Porém desenvolver valores não é fácil. Implica enfrentar complexibilidades, realidades sociais e situações variadas.

A grande complexidade do tema é o que faz com que os educadores fiquem em dúvida sobre a melhor maneira de educar moralmente os seus alunos. O aluno já traz no seu processo de aprendizagem moral, influências dos valores inseridos na sua família e comunidade. Muitas vezes essa influência não é satisfatória. Não raro se ouvem casos onde a criança já presenciou ou sofreu violência na própria família, ou é influenciada por ela. Atitudes como a agressividade vem como reflexo na sala de aula, o que também não é uma situação rara.

Quando a criança não vive em um ambiente favorável para apreender bons valores desde a infância, pode acarretar sérias conseqüências, pois ela irá crescer, se tornará cada vez mais independente, e as suas ações tomam proporções maiores que na infância. Um caso de vandalismo que ocorreu numa escola de Viamão, no Rio Grande do Sul, exemplifica essa questão. Um garoto já adolescente picha o muro da escola. "A escola havia acabado de ser pintada em um mutirão de pais, professores e alunos no feriado de Sete de Setembro. Foram oito meses arrecadando dinheiro para comprar todo o material e só as tintas custaram R\$ 1.800". (JORNAL CORREIO 24 HORAS, 2009). Como agir diante dessa situação? A professora obrigou o garoto a pintar o muro da escola em que ele havia pichado, chamou-o de bobo da corte na frente dos alunos e pediu para ele tirar o boné com o qual escondia o rosto. Tudo foi gravado por um celular de outro aluno. A mãe do garoto se revoltou contra a professora.

É certo que houve um erro da educadora em humilhar o aluno com o apelido e forçando-o a se expor tirando o boné. A própria professora admitiu ter exagerado. Mas fazer o aluno limpar o muro pichado pode ser considerado humilhação ou apenas reparação de um erro? O problema da reparação do erro é quando ele se transforma em humilhação. Ele poderia limpar o muro, mas os colegas não precisavam estar lá para presenciar o fato.

Então fica uma questão: Já que educar valores não é uma tarefa fácil e as possibilidades de situações que podem surgir são infinitas, como fazer isso?

O professor deve estar preparado para enfrentar as diversas situações que surgirem, dando o exemplo através da ação. Ação esta, que deve também estar pautada nos próprios valores como os de justiça e respeito. Segundo os PCN's as próprias relações na escola formam moralmente os alunos:

(...) se as relações forem respeitadas, equivalerão a uma bela experiência de respeito mútuo. Se forem democráticas, no sentido de os alunos poderem participar de decisões a serem tomadas pela escola, equivalerão a uma bela experiência de como se convive democraticamente, de como se toma responsabilidade, de como se dialoga com aquele que tem idéias diferentes das nossas. Do contrário, corre-se o risco de transmitir aos alunos a idéia de que as relações sociais em geral são e devem ser violentas e autoritárias (BRASIL, 1998).

Como pode se perceber na citação, não adianta tentar educar valores da “boca pra fora”, o exemplo é a melhor forma de educação. E esse exemplo deve acontecer não somente na sala de aula, como em toda comunidade escolar. De acordo com os PCN's do ensino fundamental, para que haja uma boa educação moral:

- A escola deve ser um lugar onde cada aluno encontre a possibilidade de se instrumentalizar para a realização de seus projetos; por isso, a qualidade do ensino é condição necessária à formação moral de seus alunos. Se não promove um ensino de boa qualidade, a escola condena seus alunos a sérias dificuldades futuras na vida e, decorrentemente, a que vejam seus projetos de vida frustrados.
- Ao lado do trabalho de ensino, o convívio dentro da escola deve ser organizado de maneira que os conceitos de justiça, respeito e solidariedade sejam vivificados e compreendidos pelos alunos como aliados à perspectiva de uma "vida boa". Dessa forma, não somente os alunos perceberão que esses valores e as regras decorrentes são coerentes com seus projetos de felicidade como serão integrados às suas personalidades: se respeitarão pelo fato de respeitá-los (BRASIL, 1998).

Segundo a citação, podemos perceber que: primeiro a escola deve oferecer um ensino de qualidade, pois se assim não fizesse seria um desrespeito com o aluno que depende dessa educação. Assim o respeito é uma ação moral que a escola deve ter para com o aluno. Depois a própria comunidade escolar deve educar os valores nos alunos, fazendo que eles vejam o exemplo, vivenciem e apreendam esses valores.

A própria sala de aula é um ambiente moral, onde as crianças apreendem valores sejam eles negativos ou positivos e estão desenvolvendo sua personalidade moral e social, quer seja essa o objetivo da professora ou não. O problema está em como acontece esta formação. A seguir, temos três exemplos interações professor-aluno, de salas de aula no jardim de infância de escolas públicas, tiradas de gravações em vídeos, envolvendo dois dias em cada classe. A primeira classe parece um “campo de treinamento de recrutas”, onde a professora é o sargento:

Ouçam, minha paciência não vai durar muito com vocês hoje. Sente-se (gritando e apontando seu dedo para uma criança)! Três, 6, vamos (enquanto a professora bate palmas uma vez para cada número, tanto ela quanto as crianças recitam em uníssono). Três, 6,9,12,15,18,21,24,27,30. Múltiplos de 5 até 100. Vamos... (DEVRIES; E ZAN, 1998, p. 18).

Nesta sala as crianças não possuem nenhum autocontrole autônomo, pois a professora controla totalmente o aluno, lhes diz o que fazer e o que devem pensar. Além disso, elas não podem se relacionar socialmente na sala, umas com as outras, têm que ficar o tempo todo em silêncio e quietas nas carteiras. Suas idas ao banheiro têm horários estabelecidos. O recreio é privado pelo “mau comportamento”. O estresse desta sala de aula contribui para que as crianças se agridam mais umas com as outras do que qualquer outra sala de aula.

Na segunda classe, a professora é uma mentora amistosa, onde os alunos são ouvidos e sentem-se à vontade.

A mãe de M traria nosso lanche hoje, mas ela não chegou aqui a tempo e então ficou para amanhã. A única coisa que temos para comer aqui são algumas caixinhas de passas de uva. Nosso problema é que não temos o suficiente para darmos para cada pessoa uma caixa inteira. (M levanta a mão). M tem uma idéia. O que devemos fazer, M? (M sugere que abram as caixas e distribuam as passas em pratos) Essa é uma boa idéia. Se todos tivessem um prato, quantos pratos precisaríamos (sorri, na expectativa)? (E diz que 17, mas L chama a atenção para o adulto que está filmando (B), para N ( que preferiu não participar do grupo) e para as duas crianças que estão dormindo e não foram contadas)... (DEVRIES; E ZAN, 1998, p. 19).

Nesta sala, os alunos têm autonomia, a professora ouve as suas sugestões, respeita suas idéias, auxilia para que eles construam suas regras, sustenta o valor da justiça; a ida ao banheiro não tem horário estabelecido, e os conflitos são oportunidades das crianças refletirem sobre a opinião do outro. O afeto na sala é uma constante.

Na terceira classe, a professora parece uma gerente que guia qual deve ser as ações dos alunos, em um tom calmo e sério:

Vamos colocar um zíper aqui (faz um movimento de fechar um zíper em sua boca) por que precisamos olhar e prestar atenção. Aqueles que desejam aprender, sentem-se e escutem. Se vocês querem brincar, terão de fazer isso depois, OK? E, sente-se. (A criança pede para beber água). Não, sinto muito, estamos esperando que você se sente...(DEVRIES;E ZAN, 1998, p. 19).

Nesta sala, os alunos possuem pouca autonomia, e o ambiente da sala é relativamente relaxado. A professora possui uma relação impessoal com seus alunos e sua vontade prevalece. Quando há discussões entre os alunos, a professora não tenta solucionar o problema com justiça, passando por cima dos sentimentos da vítima. As crianças não possuem autoconfiança.

Podemos perceber nesses exemplos, interações diferentes entre professor-aluno e aluno-aluno e os resultados que essas ações proporcionam. O segundo exemplo é o único que obedece ao ideal de uma classe com um bom ambiente sócio-moral, pois ajuda a formar uma criança autônoma, mais segura, que possui uma auto-estima elevada, já que suas idéias são ouvidas e respeitadas pela professora, que possui mais facilidade em resolver conflitos, que eleva a sua criticidade e fazendo compreender suas regras e os seus limites. Quando foi pedido por um momento que a professora saísse da sala, as crianças continuaram com suas tarefas, afinal, elas tinham autonomia sobre suas condutas, e não se sentiam obrigadas a fazer nada, pois a professora apenas influenciava para que isso ocorresse, ao contrário da primeira e terceira classes, que sentiam-se livres apenas quando a professora saía da sala.

Com o exemplo dado, pode se concluir que uma das melhores formas de ajudar a formar a autonomia do aluno é através do diálogo. O conflito é algo inevitável na natureza humana, o problema é saber lidar com ele. Os educadores devem fazer a criança compreender de maneira clara os seus limites, estimulando a

reflexão sobre a ocorrência da violação de regras, e ensinando-lhe a não fazer nada que não gostaria que lhe fizesse. Além disso, quem educa o faz também pelo exemplo. Se não queremos que uma criança minta, por exemplo, também não devemos mentir.

O autoritarismo pode prejudicar nesse fim, pois “quando os adultos são muito autoritários, impondo uma relação de heteronomia, a criança, ainda que no nível da relação com os iguais tenha atingido o estágio de autonomia moral, regride a níveis mais primários de relação com a norma” (COUTINHO; E MOREIRA, 2004, p.123). Isso não quer dizer que a obediência seja algo negativo, só o é, quando as crianças agem na forma de submissão, com sentimento de inferioridade em relação ao outro, e falta de motivação para pensar nas razões das regras. Aí se estará formando crianças passivas às idéias dos outros, conformadas com sua realidade e acríticas. Não ser autoritário não significa que o professor não tenha autoridade moral.

O professor deve estar atento ao reagir ao erro do aluno. Segundo VICHESI (2009, p. 84) Quando o erro for por desobediência moral, ele é mais grave que um desvio de uma regra convencional. A sanção deve ser equivalente ao erro do aluno. Porém o clima de colaboração e respeito é mais eficiente que a sanção, apesar de ser difícil de ser conquistado.

Para trabalhar valores, os PCN's do ensino fundamental (Brasil,1998) destacam quatro blocos de conteúdos que correspondem a grandes eixos que servem de base para diversos conceitos, atitudes e valores complementares: Respeito mútuo, justiça, diálogo e solidariedade. Eles ainda colocam que esses conteúdos devem ser trabalhados de forma transversal, ou seja, todas disciplinas da escola podem trabalhá-los, além das relações dentro da escola.

O respeito mútuo, como já foi abordado, é o contrário do respeito unilateral. Ele não é o respeito por submissão e sim por reciprocidade. É importante para a criança aprender respeitar as diferenças, e os lugares públicos. Segundo os PCN's do ensino fundamental, para que os alunos adquiram o valor do respeito na escola, é importante que se trabalhe os seguintes conteúdos:

- As diferenças entre as pessoas, derivadas de sexo, cultura, etnia, valores, opiniões ou religiões;
- o respeito a todo ser humano independentemente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura;

- o respeito às manifestações culturais, étnicas e religiosas;
- o respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito para si;
- o respeito ao direito seu e dos outros ao dissenso;
- a coordenação das próprias ações com as dos outros, através do trabalho em grupo;
- o respeito à privacidade como direito de cada pessoa;
- o contrato como acordo firmado por ambas as partes;
- a identificação de situações em que é ferida a dignidade do ser humano;
- o repúdio a toda forma de humilhação ou violência na relação com o outro;
- as formas legais de lutar contra o preconceito;
- a utilização das normas da escola como forma de lutar contra o preconceito;
- a compreensão de lugar público como patrimônio de todos, cujo zelo é dever de todos;
- o zelo pelo bom estado das dependências da escola;
- a valorização do patrimônio cultural e o zelo por sua conservação (BRASIL,1998).

Para se trabalhar esses conteúdos relacionados ao valor do respeito, as disciplinas como História, Geografia, Língua Portuguesa, Meio Ambiente, Orientação Sexual, Educação Física são muito importantes . História e Geografia, por tratarem com as diferenças de época, de pessoas, de etnias e cultura, farão as crianças compreender a sua realidade e as diferenças, respeitando-as. A Língua Portuguesa também poderá fazer o aluno compreender que existem algumas diversidades lingüísticas no Brasil, o fazendo superar o preconceito lingüístico.

O estudo do meio ambiente, de cuja qualidade todos dependem, pode explicitar uma dimensão do respeito mútuo: cuidar do que é de todos, portanto, respeitar, ser respeitado. Quanto à sexualidade, ela naturalmente envolve relações pessoais que devem ser baseadas no respeito de parte a parte (BRASIL,1998).

No convívio escolar, é importante que o professor justifique a razão das regras para que o aluno através da compreensão e do respeito mútuo cumpra-a. Como por exemplo: o aluno deve fazer silencio em respeito ao colega que pode se atrapalhar com o barulho, e não por que o professor está mandando.

Já a educação física pode, através das regras do jogo, trazer oportunidades de experiência de respeito mútuo.

A justiça, que é a obediência às leis morais, importante numa sociedade democrática, deve possuir os critérios de igualdade de direitos e da equidade, ou seja, proporcionar a igualdade através das diferenças. O erro, por exemplo, deve ser proporcional ao castigo para se ter uma relação de equidade.

Os PCN's colocam que para que os alunos adquiram o valor da justiça na escola, é importante que se trabalhe:

- O reconhecimento de situações em que a equidade represente justiça (como, por exemplo, algumas regras diferenciadas para as crianças menores, das séries iniciais, em função de sua idade, altura, capacidades, etc.);
- o reconhecimento de situações em que a igualdade represente justiça (como, por exemplo, as regras de funcionamento da classe, o cumprimento de horários);
- a identificação de situações em que a injustiça se faz presente; repúdio à injustiça;
- o conhecimento da importância e da função da Constituição brasileira;
- a compreensão da necessidade de leis que definem direitos e deveres;
- o conhecimento e compreensão da necessidade das normas escolares que definem deveres e direitos dos agentes da instituição;
- o conhecimento dos próprios direitos de aluno e os respectivos deveres;
- a identificação de formas de ação frente a situações em que os direitos do aluno não estiverem sendo respeitados;
- a atitude de justiça para com todas as pessoas e respeito aos seus legítimos direitos (BRASIL, 1998).

Pela citação é possível notar que no convívio escolar o professor pode fazer a criança perceber as relações de igualdade pelo próprio exemplo, no tratamento dado aos alunos, cobrando e dando atenção na mesma proporção para todos, trazendo isso à reflexão deles, estabelecendo a noção de justiça. As crianças devem conhecer seus deveres e direitos para pô-los em prática. E os professores além de mostrar confiança e valorizar as competências dos alunos para que eles não se sintam injustiçados, devem criar critérios de avaliação, e como já foi citado, de sanções por reciprocidades, ou seja, que sejam sanções diretamente ligadas ao erro cometido.

Segundo os PCN's do ensino fundamental, apesar de todas as matérias poderem ser objetos de reflexão sobre justiça, conteúdos de História e Geografia devem ser destacados pois “estudando realidades de outros tempos e lugares, o

aluno pode comparar sua situação específica, aquela de seu país, e avaliá-la à luz de outras possibilidades da justiça humana” (BRASIL,1998).. E ainda podem tomar consciência dos seus direitos ao estudar as leis do seu país.

O diálogo é essencial na educação, pois ele é quem deve sustentar nosso sistema democrático. É através dele que devemos resolver nossos conflitos e realizarmos aprendizagens. Os PCN's do ensino fundamental afirmam que para que os alunos adquiram um bom diálogo na escola, é importante que se trabalhe os seguintes conteúdos:

- uso e valorização do diálogo como instrumento para esclarecer conflitos;
- a coordenação das ações entre os alunos, através do trabalho em grupo;
- o ato de escutar o outro, através do esforço de compreensão do sentido preciso da fala do outro;
- a formulação de perguntas que ajudem a referida compreensão;
- a expressão clara e precisa, de idéias, opiniões e argumentos, de forma a ser corretamente compreendido pelas outras pessoas;
- a disposição para ouvir idéias, opiniões e argumentos alheios e rever pontos de vista quando necessário (Brasil,1998).

É através do diálogo que o professor deve ensinar aos seus alunos as regras, a reavaliá-las, discutindo-as. Para desenvolver o diálogo do aluno, o professor deve ser sempre claro e objetivo em suas colocações e cobrar dos alunos a conquista da mesma clareza.

Os PCN's do ensino fundamental destacam as disciplinas Matemática e Português como essenciais no desenvolvimento do diálogo, apesar de considerar todas as outras disciplinas. Português por que trabalha com os procedimentos de fala e escuta ativa, e o ensino da linguagem. Matemática por que através do diálogo, se revela “o valor da demonstração: explicitação do caminho e precisão do raciocínio, do encadeamento dos argumentos” (BRASIL,1998).

O ultimo conteúdo a ser destacado é a solidariedade, querendo equivaler-se ao sentido de ajuda desinteressada. Além de ajudar ao próximo através da participação de campanhas beneficentes, a pessoa pode ser solidária também no exercício da cidadania e na participação política, atuando a favor de benefícios da população.

Os PCN's do ensino fundamental colocam que para que os alunos desenvolvam o sentimento de solidariedade, é importante que se trabalhe os seguintes conteúdos:

- identificação de situações em que a solidariedade se faz necessária;
- as formas de atuação solidária em situações cotidianas (em casa, na escola, na comunidade local) e em situações especiais (calamidades públicas, por exemplo);
- a resolução de problemas presentes na comunidade local, através de variadas formas de ajuda mútua;
- as providências corretas, como alguns procedimentos de primeiros socorros, para problemas que necessitam de ajuda específica;
- o conhecimento da possibilidade de uso dos serviços públicos existentes, como postos de saúde, corpo de bombeiros e polícia, e formas de acesso a eles;
- a sensibilidade e a disposição para ajudar as outras pessoas, quando isso for possível e desejável (BRASIL, 1998).

A solidariedade está interligada aos outros conteúdos abordados pelos PCN's do ensino fundamental, sendo que ela é trabalhada quando se trabalham o respeito mútuo, o diálogo e a justiça. Estão na verdade todas interligadas. As possibilidades de se trabalhar a solidariedade são infinitas, tanto na escola, como fora dela. Na relação com os alunos em sala, o professor, ao invés de estimular a competição, deve favorecer o clima de apoio mútuo e de incentivo.

Além destas possibilidades de trabalhar valores na escola com o ensino infantil, existem também a possibilidade de elaboração de projetos com esse objetivo, como é o caso a seguir.

### 3.1- Uma escola preocupada com valores

Para ampliar o conhecimento sobre o tema da pesquisa, foi feita uma investigação de campo em uma escola municipal da em um bairro X da cidade de Salvador. Nesta instituição foi construído pela gestão pedagógica, o Projeto Valores na Escola, que tem como principal objetivo a construção e o desenvolvimento dos seguintes valores nos alunos: Amor, autoconceito, justiça, diálogo, respeito, liberdade, amizade, responsabilidade e solidariedade.

Este projeto foi aplicado durante todo o ano letivo, sendo dividido em 5 etapas:

- A 1ª etapa planejada para o período de 09/02/09 a 03/04/09 e teve como objetivo a sensibilização do tema com os educandos da Unidade Escolar.
- A 2ª etapa planejada para o período de 09/02/09 a 03/04/09 teve como objetivo o desenvolvimento e construção de conceito acerca dos valores estudados. Cada sala ficou responsável de trabalhar um dos valores anteriormente citados, articulados com as áreas do conhecimento.
- Na 3ª etapa, no período de 06/07/09 a 31/08/09, cada turma deveria escolher um segundo valor para também ser estudado e associado ao primeiro valor. Cada professor com a sua turma escolheria uma estratégia para apresentar às outras turmas da Unidade Escolar o que foi aprendido nesta etapa de estudos.
- Na 4ª etapa, planejada para o período de 01/09/09 a 22/12/09, cada turma de acordo com a sua capacidade iria para outro valor (outra sala), estabelecendo trocas também pela aproximação conceitual. Ao concluir a troca da sala, cada professor deveria com a sua turma escolher mais dois valores para serem estudados pelo grupo.
- Na 5ª etapa, planejada para o período de 01/09/09 a 22/12/09, haveria a vivência na prática e a construção de todos os valores estudados durante o ano letivo com a realização de ações beneficentes. Nesta fase professores turmas/segmentos, comunidade escolar organizaria e realização as seguintes ações:

-Campanhas Beneficentes. Falou-se na Pré jornada em realizar um trabalho com os idosos, Vila Bazar, etc.

-Escolha de uma família da comunidade escolar para o recebimento de uma cesta básica.

-Realização do Natal solidário (a definir).

-Realização da II Edição do abraço (da paz/ dos valores).

-Festa Geral.

-Formatura 2009.

A avaliação de todas as etapas acontece mediante a participação, envolvimento e observação das mudanças de atitudes dos educandos nas atividades a serem realizadas.

Esse foi o plano de ação do Projeto Valores na Escola, porém, na 4ª etapa não foi realizada a troca de turmas, pois concluiu-se que, por serem algumas salas menores, estas não teriam capacidade para absorver outras turmas com maior número de alunos. Dessa forma cada professora continuou trabalhando o seu valor em sala.

Segundo a coordenadora pedagógica, a vivência na prática dos valores (etapa 5), aconteceu com a Gincana da Solidariedade no mês de agosto, o que possibilitou sensibilizar as crianças para a importância de ser solidário e pela valorização do idoso. No final do mês de setembro a escola recebeu dois corais de idosos e as crianças foram bem receptivas para com eles, além de adorarem. E na semana da criança foi realizada a Gincana da Amizade, onde foram doados brinquedos que foram revertidos para um orfanato.

Além do projeto, foi aplicado um questionário com sete perguntas para quatro professoras dessa Unidade Escolar, para conhecer um pouco mais sobre como estas vêem e trabalham os valores com seus alunos.

1-Para você, o que são valores humanos?
Professora A- <i>São sentimentos e comportamentos que definem o caráter de cada um.</i>
Professora B- <i>São qualidades morais adquiridas ou construídas e colocadas em prática</i>
Professora C- (não respondeu)
Professora D- <i>É o respeito, a educação passada de pai para filho, heranças adquiridas atualmente estão sendo esquecidas. O amor ao próximo.</i>

As professoras B e D, possuem conceitos parecidos e que mais se aproximam do sentido de valores humanos (princípios para a convivência social). Já

a professora A coloca os valores humanos como sentimentos e comportamentos. Sentimentos sim, pois o respeito é um sentimento, assim como o amor, a compaixão, etc. Mas os valores não são comportamentos, e sim princípios que levam a pessoa a se comportar de uma determinada forma. A professora C não soube responder à questão, o que é preocupante, já que o Projeto Valores foi implantado desde o começo do ano.

2-Nas aulas, quais valores são ensinados para seus alunos?
Professora A- <i>Na minha sala de aula procuro trabalhar valores em todas as situações. Ex: o respeito às diferenças, o amor ao próximo, a amizade, sua responsabilidade diante dos fatos, dentre outros que são abordados com a necessidade.</i>
Professora B- <i>Alguns valores morais e éticos como respeito, amor, responsabilidade, solidariedade, justiça, amizade, auto-conceito, dentre outros.</i>
Professora C- <i>São ensinados valores que corroboram para uma convivência saudável e pacífica, tais como: solidariedade, respeito, cooperação, responsabilidade, liberdade, diálogo, autoconceito, justiça e amor.</i>
Professora D- <i>Dignidade, respeito, ensinar para a vida, dar amor ao próximo, impor de certa forma limites, para que possam usar o aprendizado para seu futuro. Trabalhamos também com a liberdade, justiça, amizade e responsabilidade.</i>

Amor, respeito, responsabilidade e justiça são os valores mais citados no questionário pelas professoras. Pelas informações obtidas pelas professoras nas entrevistas, serão apontadas adiante as possíveis justificativas das escolhas dos valores mencionados.

O amor talvez por que engloba todos os outros valores, pois quem ama, não maltrata, respeita, se faz justo com o outro, coopera. Enfim, quer o bem do outro e tenta fazer com que isso se realize.

O respeito é muito citado por se pensar que é um princípio que antes existia mais do que hoje em dia. A professora D deixa isso bem claro na sua resposta à

primeira pergunta. Porém, o respeito de antigamente em que as sanções eram mais duras do que na atualidade, e que o castigo físico permitido na escola, a exemplo do uso da palmatória, muitas vezes era uma forma de submissão, ou seja, o respeito unilateral, em que um manda e outro obedece por medo da punição. Esse tipo de respeito é típico de uma criança heterogênea, e essa forma de submissão não contribui em nada para a autonomia moral da criança. Hoje em dia, com a proibição desses castigos, muitos educadores não sabem como adquirir o respeito junto às crianças, o que poderia ser feito adotando-se uma postura decidida, cordial, sem desprezar o diálogo, mostrando-se interessado nos problemas vivenciados pelos alunos. Mas a consequência para muitos educadores que não sabem lidar com os alunos nesse sentido, tentando obter o respeito através da simples imposição, parecido com o que se fazia antes, é o confronto, o qual algumas vezes, pode resultar numa postura desrespeitosa e agressiva, pois a grande maioria dos jovens adolescentes percebem a fragilidade do seu educador e não permitem a submissão de outrora, indo contra ela. O problema está na forma como se ensina o valor. Os resultados são consequências desse ensino.

A responsabilidade é um valor tão almejado por que é uma qualidade importante para todo cidadão. A responsabilidade diante do meio onde se vive, diante da sua profissão, diante das pessoas, e diante de todos os deveres que um cidadão possui. E como a educação pretende formar bons cidadãos, este é um valor que não pode escapar.

A justiça é um valor tão citado pois vivemos em uma sistema democrático, onde ela é essencial. Ives de Lá Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) cita que a justiça é uma das principais virtudes, ao explicitar que, em “uma sociedade em que não houvesse generosidade seria ruim, mas nenhuma sociedade funcionaria se não houvesse a justiça”.

Segundo o questionário, todas as professoras trabalham valores na escola. A professora A especificou que trabalha os valores em todas as oportunidades que possam surgir. O conflito é uma boa oportunidade de trabalhar valores em sala.

3- Na sua formação profissional já houve algum tipo de preparação para lidar com os valores na sala de aula? Se sim qual?
---

Professora A- *Não estudei uma disciplina específica sobre como trabalhar valores na sala de aula, mas esse é um discurso que perpassa por todas as áreas de estudo, pois com a crise atual da sociedade, faz-se necessário resgatar esses valores que se perderam.*

Professora B- (não respondeu)

Professora C- *Sim. Num breve período da formação acadêmica e mais tarde nas capacitações e encontros promovidos pela SMEC, nas suas diversas instâncias e também na Unidade Escolar.*

Professora D- *Que eu me lembre apenas cursos de relações interpessoais, mas tem coisas que já são ensinadas na própria educação dada pelos pais e isto eu tive e soube aprender e repassar, não só para os alunos, como para as pessoas que convivo e com meus filhos.*

Apenas a professora C teve uma formação acadêmica sobre como lidar com valores na sala de aula, enquanto a professora C teve essa oportunidade fora do ambiente acadêmico. Observa-se que por essa amostragem, a educação de valores não é uma disciplina regular das academias. A própria Universidade Federal da Bahia, que é uma Universidade de referência no Estado, não possui disciplinas que enfatizem o ensino de valores. Essa situação é muito ruim e preocupante para a educação, pois sem a devida preparação, não haverá uma formação consciente de pedagogos que reflitam sobre a importância da escola nessa questão assim como sobre a formação integral do alunado. As professoras A e B não tiveram a oportunidade dessa formação em nenhuma instância.

4- Para você, quem deve ser responsável pela formação moral da criança? Explique a sua resposta.

Professora A- *Em primeira instância a família, pois é dela que deve partir os ensinamentos morais e éticos para a base educacional de seu filho e depois entra a escola para sistematizar os conceitos desses valores.*

Professora B- *Toda a sociedade, especialmente a familiar. A criança não vive só com a família, portanto ela não deve ser a única responsável por essa formação.*

Professora C- *Acredito que a sociedade como um todo, numa ação conjunta que envolve família, escola e comunidade.*

Professora D- *Os pais. É em casa que temos a referência do que é certo ou errado e nossos limites. A escola não deve assumir o papel que é dos pais, mas acabamos trabalhando este lado também.*

As professoras A e B colocam que em primeiro lugar a família deve ser a responsável pela educação de valores das crianças, depois a sociedade, inclusive a escola. A professora D coloca que o papel é apenas dos pais, sendo que a escola não deveria assumir esse papel. A professora C afirma que a responsabilidade é de toda a sociedade.

A responsabilidade é realmente de toda a sociedade. Inclusive da escola, que tem por lei, como já foi mencionado no capítulo anterior, a obrigação de oferecer a educação de valores na escola. Afinal, se a família não oferecer uma boa formação moral para criança, a escola seria uma oportunidade para ela resgatar essa formação. É claro que a família também possui uma grande responsabilidade na formação moral. Atualmente a criança quando entra na escola de ensino fundamental com seis anos de idade, já traz vários valores apreendidos através da sua família e comunidade.

5- Como você vê o Projeto Valores (projeto implantado na sua escola pela coordenação pedagógica) na formação do alunado? Colocar, se tiver, alguma sugestão para o Projeto.

Professora A- *Acho ótimo, pois na maioria dos casos a educação familiar tem deixado muito a desejar. E como é papel da escola formar cidadãos, penso que trabalhar valores é imprescindível na sala de aula.*

Professora B- *Eu vejo esse projeto como algo inovador e que precisa ser ajustado como acontece com todo projeto piloto. Os alunos aqui pelo menos sabem que valores é coisa do presente e essencial para a base psicológica de toda sociedade saudável e equilibrada.*

Professora C- *Vejo como uma oportunidade de resgatar valores pouco destacados na sociedade atual, proporcionando aos alunos uma vivência por vezes diferenciada do contexto em que está diretamente inserido.*

Professora D- *Na escola em que trabalho já existe este projeto. É um projeto difícil de ser assimilado por que os alunos já trazem os valores deturpados do meio onde vivem.*

As professoras A, B e C, vêem o Projeto Valores como algo inovador, e como uma oportunidade importante na formação moral do aluno, diferente da Professora D, que parece desesperançosa com o projeto pela realidade que os alunos vivenciam fora da escola. Essa desesperança é negativa, pois o professor trabalha em vão, sem expectativas. Valores negativos podem ser desconstruídos, afinal a formação moral acontece durante toda a vida. A questão é saber desconstruí-los e ter força de vontade para que isso aconteça, pois não é uma tarefa fácil.

6- Para você o seu comportamento na sala de aula como professor serve como modelo para os alunos? Explique.

Professora A- *Com certeza, em todos os aspectos, mesmo trabalhando com crianças maiores, podemos observar que elas imitam sua postura, seu tom de voz e até mesmo suas palavras em determinadas situações. Não se ensina senão pelo exemplo.*

Professora B- *Com certeza. Meus alunos sempre procuram me respeitar e não dizer palavrões. Fazem isso por que sabem que eu os respeito e não digo palavrão nunca.*

Professora C- *Penso que sim, por isso é preciso compreender que este processo de*

*construção e apreensão dos valores dá-se muito mais pelo exemplo que pelas palavras.*

*Professora D- Sim. Ser uma pessoa honesta e segura do assunto, respeito mútuo acima de tudo. Os alunos precisam de atenção e carinho. Devemos tratá-los como gostaríamos de ser tratados. Deve existir uma troca, um feedback, caso contrário os maiores prejudicados são eles (os alunos).*

Segundo o questionário, todas as professoras têm preocupação com o seu modelo de comportamento para os seus alunos. O que é bastante positivo, pois os alunos apreendem muito através do exemplo, principalmente as crianças do ensino infantil que estão na fase de imitar o comportamento dos adultos para assimilá-lo.

7-A seguir apresentamos um dilema moral onde mostra o conflito entre a segurança e o respeito numa determinada escola. Dê a sua opinião sobre a questão:

*Uma determinada escola pública recebeu a denúncia que alguns alunos estariam levando "droga" para ser distribuída dentro da escola. A diretora comunicou o fato à Polícia Militar que determinou a averiguação da denúncia imediatamente. Justamente neste dia, uma 5ª série estava em aula vaga no pátio devido à falta de um professor. Eram alunos cuja faixa etária se concentrava entre 10 a 12 anos. Com a chegada da Polícia Militar na escola, a Diretora solicitou à inspetora de alunos que chamasse os meninos para a sala de vídeo, dizendo aos mesmos que eles iriam assistir a uma projeção. Em hipótese alguma os alunos deveriam saber que os policiais estavam na escola. Na sala de vídeo, os alunos foram submetidos a uma revista pelos policiais, ficando apenas de cuecas. Como se não bastasse, passaram pelo constrangimento de terem que abaixar a cueca, ficando de cócoras (procedimento usado nos presídios para detectar a presença de droga no ânus). A Diretora argumentou, em resposta à revolta dos pais, que sua intenção era a de proteger os alunos contra as drogas que poderiam estar circulando pela escola, bem como descobrir os culpados. (Klébis e Menin, 2000, p. 36)*

*Professora A- Penso que o papel da escola seria primeiro criar estratégias para averiguar o caso, para depois tomar as providências cabíveis e que permitir a ação brusca dos policiais dentro da escola com crianças menores de 15 anos só contribuiu para complicar ainda mais a situação.*

Professora B- *Uma total falta de respeito para com os alunos. Os mesmos foram enganados, passaram por constrangimentos e aprenderam a ludibriar para conseguir o que se quer. O que será de uma geração de alunos que freqüenta uma escola com valores humanos tão baixos?*

Professora C- *Numa situação delicada e preocupante como a que supostamente envolvia os alunos da referida escola, exigia uma atitude planejada e mais eficiente, que em nenhuma circunstancia submetesse aos menores qualquer tipo de constrangimento ou humilhação, pois não havia provas nem indícios, apenas uma suposição.*

Professora D- *Não concordo! Jamais devemos expor os alunos ou qualquer pessoa da comunidade escolar, ao constrangimento ou ao ridículo. Na minha opinião esta situação deveria ser feita (não deste modo) mas um comunicado aos pais irem junto com os filhos à delegacia para depoimento. Escola não é lugar para tal situação. E marcaria uma reunião com o conselho escolar e a Secretaria de Educação, comunicando o ocorrido.*

Nesse dilema moral apresentado, nenhuma das professoras concordou com a situação de humilhação dos alunos. As professoras A e C acharam que a escola deveria planejar estratégias para solucionar o caso, e tomar as devidas providencias, sem expor os alunos a qualquer tipo de constrangimento. Já a professora D trouxe uma solução diferente das outras.

Este exemplo mostra um dilema moral que, em busca da segurança dos alunos, a diretora utilizou de estratégias que envolveram toda uma situação de constrangimento e de revolta dos pais, achando ela que tinha certeza que aquela era a coisa certa a se fazer. Mas ela não pensou na questão da autonomia dos alunos. Eles foram forçados a passar por uma situação constrangedora que poderia também ser resolvida de outra forma: passar a informação para as crianças sobre os malefícios que as drogas propiciam e auxiliá-las a decidirem por si mesmas a se protegerem dos riscos que as drogas podem causar. Essa forma traria resultados prolongados e eficazes, ao contrário da ação imediata realizada pela diretora, que poderia causar até revolta e reação contrária ao desejado por ela nos alunos. Esta é

uma possibilidade dentre as possibilidades dadas pelas professoras e outras que poderiam surgir.

## 5. Considerações finais:

Apesar das escolas geralmente supervalorizarem a preparação dos alunos para se tornarem futuros profissionais, felizmente existem algumas instituições escolares que se importam com a educação moral do seu alunado. É o caso da Escola Municipal X estudada, onde foi construído o Projeto Valores, que possui justamente essa finalidade. Apesar de ser um projeto piloto, que provavelmente precise de algumas modificações, afinal como foi visto ocorreu uma impossibilidade de ação (pg.32), a intenção de se trabalhar valores já é um grande passo para que a escola chegue ao objetivo de formar pessoas autônomas. Além disso, com a experiência desse trabalho, o projeto tende a melhorar cada vez mais.

Através das respostas das professoras no questionário realizado (p. 34-40), verifica-se que as Universidades não estão devidamente preparadas para prover uma formação acadêmica adequada para prepará-las para lidar com os diversos valores que seus alunos já trazem da comunidade onde vivem. Ou seja, que possam educá-los moralmente, o que é preocupante. Os professores precisam aprender a desconstruir valores negativos que seus alunos trazem e enfatizar os que são positivos. Essa situação é mais fácil de ser contornada quanto menor for a criança, pois é na infância que se constroem valores que com o passar dos anos vão se “enraizando”, ficando mais difícil de “tirar” com o tempo, mas não impossível, já que a formação moral na verdade ocorre pela vida inteira. É importante que desde a infância o educador trabalhe para que os valores morais se tornem centrais na vida do seu aluno, e que valores não-morais, como beleza, status social por exemplo, se tornem periféricos.

A desconstrução de valores parece que se torna mais difícil quando não há uma preparação na formação do educador. O despreparo muitas vezes traz como consequência a falta de expectativa que muitos educadores têm em relação a essa educação, sem falar na consequência que isso tem para a formação do aluno. Como pôde se perceber há na professora D uma falta de expectativa em relação à educação moral na escola, que pode ser consequência desse despreparo sofrido por muitas pedagogas.

Os valores amor, respeito, responsabilidade e justiça, foram os mais citados pelas professoras da pesquisa como importantes para a formação do aluno (p.34-35). Para La Taille (PORTAL EDUCADORES, 2008) o respeito, a simpatia, a empatia, o auto-interesse e a confiança são centrais para o desenvolvimento da moral na criança (p.17). E para os PCN's o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade são valores base para todos os outros, estando todos eles interligados. Então sempre que possível esses e outros valores devem ser trabalhados nas relações com os alunos, e sempre quando surgir conflitos os pedagogos devem estar preparados para lidar com essas situações, agindo sempre com ética, respeito e justiça, através da conversa, educando também pelo exemplo, e ensinando as crianças a resolverem seus conflitos através do diálogo. Além disso, é preciso deixar bastante claras as regras, justificando o porquê delas, para que façam sentido para a criança a sua existência e até mesmo para que ela respeite-as. Caso não haja respeito pelas regras as sanções aplicadas devem ser equivalentes aos erros dos alunos, ou seja, sanções por reciprocidade.

Além de educar valores através das relações interpessoais (aluno + aluno, e comunidade escolar + aluno), a escola pode educar valores de forma transversal aos outros conteúdos, como português, matemática, ciências, história, geografia, do modo como sinalizam os PCN's do ensino fundamental. Além dos jogos e de projetos pedagógicos já que também são ótimas oportunidades para o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

A perfeição do aluno como pessoa moral não seria um bom objetivo da educação de valores nas escolas, já que o ser humano nunca é perfeito. Seria sim um bom objetivo a formação de um aluno que procura acertar nas suas ações, e que procura resolver os seus conflitos da melhor maneira possível, através do diálogo.

Caso a família e a comunidade falhem na educação moral das crianças, a escola deve ser uma oportunidade de as crianças apreenderem bons valores. Afinal é dever de a escola oferecer esse tipo de educação para contribuir na formação do ser integral.

A sala de aula é sempre um ambiente moral, com a constante preocupação de formar no aluno valores humanos, independente de ser uma instituição que segue uma linha religiosa, ou não. A escola só poderá ajudar na formação moral do

aluno, tendo a preocupação de criar sempre um ambiente positivo para esse fim. Dessa forma, faz-se necessário a criação de um ambiente propício desde o ensino infantil, assim a educação escolar acompanharia o desenvolvimento moral do aluno desde a sua infância, para que eles apreendam mais facilmente os valores na escola. Já que além de preparar futuros profissionais, a escola tem o dever de formar bons cidadãos, aqueles cumprem seus deveres e que procurem recorrer aos seus direitos.

A escola, a família e a sociedade poderiam ser grandes aliados na formação do seu cidadão. Enquanto isso não acontece como o desejado, a luta pela educação de valores humanos na escola e deve continuar, em todas as etapas do ensino, inclusive o infantil, pois são desde pequenos que se formam os grandes homens do futuro.

## Referências:

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. **Conto de Escola: a vergonha como um regulador moral**. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

BRASIL. Lei n. 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial da União, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos: apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm#PCN-ética>> acesso em 16/09/09, 2009.

CATÃO, Francisco A.C. **A pedagogia ética**-Petrópolis, Rj: Vozes, 1995.

COHEN, Cláudio; SEGRE, Cohen. **Breve discurso sobre Valores, Moral, Eticidade e Ética**. Disponível em:

<[http://www.anis.org.br/Cd01/comum/TextoGraduacao/graduacao\\_texto\\_01\\_cohen\\_segre\\_port.pdf](http://www.anis.org.br/Cd01/comum/TextoGraduacao/graduacao_texto_01_cohen_segre_port.pdf)>. Acesso em: 30/08/09, 2009.

COUTINHO, Maria; MOREIRA, Mércia. **Psicologia de Educação: um estudo dos processos psicológicos de desenvolvimento e aprendizagem humanos, voltado para a educação: ênfase nas abordagens interacionistas do psiquismo humano**. 10 ed. Ver. e ampl. -Belo Horizonte: Formato Editorial, 2004.

DEVRIES, Retha; ZAN, Betty. **A Ética na Educação Infantil : O ambiente sócio moral da escola**. Tradução- BATISTA, Dayse. Porto Alegre: Artmed Editora, 1998.

DELORS ,Jacques. **Educação um Tesouro a Descobrir**: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução- EUFRÁZIO, José Carlos . Editora Cortez, 1998.

FREITAS, Lia. **A moral na obra de Jean Piaget: um projeto inacabado**. São Paulo: Cortez, 2003.

JORNAL CORREIO 24 HORAS. **Aluno picha muro e é obrigado pela professora a pintar parede**. Disponível em:

<<http://correio24horas.globo.com/noticias/noticia.asp?codigo=36545&mdl=27>>  
acesso em 07/10/09, 2009.

LAMA, Dalai. **Uma ética para o novo milênio**. 1º edição, pp.176: Sextante,2000.

LA TAILLE, Yves de. **Vergonha, a ferida moral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

KLÉBIS,M. A.; MENIN, M. S. S. **A disciplina e a educação em valores nas escola**. Estudos, n. 10; dez. 2000.

MACHADO, Joaquim. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia - **Sociedade Contemporânea: Reflexividade e ação**. Atelier: Cidades, Campos e Territórios. pp.84-89. Disponível em <[http://www.aps.pt/cms/docs\\_prv/docs/DPR46118042](http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR46118042)> acesso em 19/08/09, 2009.

PIAGET, Jean. **O Juízo Moral na Criança**. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summus,1994.(Original publicado em 1932).

PORTAL EDUCADORES :Coleção Grandes Temas II. Apresentação de Yves de La Taille: ATTA Mídia e Educação / Optionline Ltda ©2008. Curso de licenciatura via web,(60 min), som, color.

VICHESSI, Beatriz. **Indisciplina: Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor**. Revista Nova escola. Editora Abril, ano XXIV, n.226, p.79.out. 2009.

## **ANEXO**

1-Para você o que são valores humanos?

---

---

---

---

2- Nas aulas, quais valores são ensinados para seus alunos?

---

---

---

---

---

---

3- Na sua formação profissional já houve algum tipo de preparação para lidar com os valores na sala de aula? Se sim qual?

---

---

---

---

---

---

4- Para você quem deve ser responsável pela formação moral da criança? Explique a sua resposta.

---

---

---

---

---

---

5- Como você vê o Projeto Valores (projeto implantado na sua escola pela coordenação pedagógica) na formação do alunado? Colocar, se tiver, alguma sugestão para o Projeto.

---

---

---

---

---

---

6- Para você o seu comportamento na sala de aula como professor serve como modelo para os alunos? Explique.

---

---

---

---

---

---

---

7-Dê a sua opinião sobre a questão abaixo:

*“Uma determinada escola pública recebeu a denúncia que alguns alunos estariam levando “droga” para ser distribuída dentro da escola. A diretora comunicou o fato à Polícia Militar que determinou a averiguação da denúncia imediatamente. Justamente neste dia, uma 5ª série estava em aula vaga no pátio devido à falta de um professor. Eram alunos cuja faixa etária se concentrava entre 10 a 12 anos. Com a chegada da Polícia Militar na escola, a Diretora solicitou à inspetora de alunos que chamasse os meninos para a sala de vídeo, dizendo aos mesmos que eles iriam assistir a uma projeção. Em hipótese alguma os alunos deveriam saber que os policiais estavam na escola. Na sala de vídeo, os alunos foram submetidos a uma revista pelos policiais, ficando apenas de cuecas. Como se não bastasse, passaram pelo constrangimento de terem que abaixar a cueca, ficando de cócoras (procedimento usado nos presídios para detectar a presença de droga no ânus). A Diretora argumentou, em resposta à revolta dos pais, que sua intenção era a de proteger os alunos contra as drogas que poderiam estar circulando pela escola, bem como descobrir os culpados”. (Klébis e Menin, 2000, p. 36)*

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---